



**PARA UMA HISTÓRIA LINGUÍSTICA E SOCIAL DO
RIO GRANDE DO SUL – SÉCULO XIX**

**FOR A LINGUISTIC AND SOCIAL HISTORY OF
RIO GRANDE DO SUL – XIX CENTURY**

Valéria Neto de Oliveira Monaretto¹

Paulo Ricardo Silveira Borges²

Resumo

Neste artigo, apresentamos uma proposta de análise que possibilite o desenvolvimento de outras pesquisas sobre *uma histórica linguística e social do Rio Grande do Sul do século XIX*. Propomos temas a serem estudados e que contemplam diferentes aspectos relacionados à constituição e à formação sócio-histórica e linguística das comunidades gaúchas. Para tanto, pretendemos recuperar informações específicas do século XIX encontradas nos textos de teatro, nos jornais, nos relatos de viagens, com o objetivo de compreender melhor as motivações e como ocorreram os processos de variação e mudança que representam um *continuum* sócio-histórico característico dos diferentes dialetos gaúchos. Esperamos que, a partir deste texto, as temáticas abordadas sejam mais bem desenvolvidas em novas propostas interinstitucionais de pesquisas complementares.

Palavras-chave: História social e linguística; Sociolinguística histórica; Rio Grande do Sul; Século XIX; Português do Brasil; Variedades gaúchas.

1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: monar@terra.com.br.

2 Universidade Federal de Pelotas. E-mail: paulorsborges@gmail.com.

Recebido em: 15/10/2018

Aceito em: 07/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

Abstract

In this article, we present a proposal of analysis that allows the development of other researches about a *linguistic and social history of Rio Grande do Sul of the 19th Century*. We propose topics to be studied, that focus different aspects related to the socio-historical and linguistic development of the Gaucho communities. In order to do so, we intend to recover specific information from the 19th Century found in theater plays, newspapers, and travel accounts, in order to better understand the motivations and the origin and propagation of processes of variation and change that represent a socio-historical continuum characterizing different Gaucho dialects. We hope that the topics addressed in this article will be better developed in new interinstitutional proposals for complementary research.

Keywords: Social and linguistic history; Historical sociolinguistics; Rio Grande do Sul; 19th Century; Brazilian Portuguese, Gaucho varieties.

Introdução

Foi tardio o povoamento histórico do Rio Grande do Sul³ e, por consequência, morosas as relações sociais entre as diferentes comunidades. A constituição urbana do RS, a partir do século XIX, com o aparecimento dos aglomerados populacionais mais desenvolvidos, possibilitou o surgimento dos agrupamentos familiares em cidades. Com isso, ampliam-se também as disposições arquitetônicas das cidades, os aparatos governamentais e administrativos, as autonomias religiosas das freguesias e as construções das igrejas paroquiais, como também configuram-se o discurso oficial das autoridades constituídas, as divisões de propriedades, o estabelecimento de uma economia gaúcha e a constituição das primeiras escolas.

Esses fatores foram determinantes para a constituição histórico-social e cultural do RS. Conforme Magalhães (1993, p. 298), “o desenvolvimento econômico [do RS no séc. XIX] produziu o desenvolvimento urbano e o desenvolvimento social e cultural”. E foi justamente isso que possibilitou que se desencadeassem as manifestações socioculturais, dando impulso ao surgimento e ao fortalecimento de revelações individuais e coletivas associadas às festas, ao teatro, à música, às artes plásticas, à educação, à imprensa e à literatura.

Outra peculiaridade da formação sócio-histórica do RS, segundo Torres (2000, p. 47), é o fato de grande parte de suas cidades terem sido fundadas e desenvolvidas em função das confluências com o processo histórico platino, pela influência missioneira e indígena e pelas interações decorrentes das experiências históricas do colonialismo português e espanhol. Portanto, distante de uma visão de Estado homogêneo e do desejo de uma sociedade espelhada na ordem colonial.

Os rastros históricos da diversidade social, cultural e linguística já podiam ser identi-

3 Doravante, o nome Rio Grande do Sul será expresso pela sigla RS.

ficados naqueles *gaúchos históricos*, representantes de identidades culturais multifacetadas. Soma-se a isso, a participação efetiva de *novos* grupos sociais e étnicos, com a constituição de novas comunidades a partir das imigrações alemã e italiana. Como salienta Bisol (1981), quatro grupos majoritários étnico-culturais foram importantes para a formação da população falante do português sul-rio-grandense: portugueses, espanhóis (fronteiriços), alemães e italianos.

Em função desses fatores, diferentes vozes identitárias passam a representar múltiplos interesses, sendo possível verificar esse fato em distintos documentos, públicos e privados, importantíssimos para os entendimentos de como se constituiu a sociedade gaúcha e quais os reflexos da sua formação histórico-social e cultural. Nesse aspecto, Guilhermino Cesar (1998) ressalta a importância da documentação dos primeiros cronistas do RS como excelente campo de estudos, haja vista que podemos encontrar diferentes características regionais gaúchas atreladas a fatores culturais e sociolinguísticos.

Preferimos os relatos, cartas e informações, de viajantes, missionários, titulares de cargos administrativos, soldados, aventureiros – sempre que esclareçam coisa de fundamental com respeito à formação histórica da comunidade gaúcha. E nessa preferência incluímos também aqueles informantes capazes de sugerir aos curiosos de hoje nova ordem de indagações, tendentes a completar o que se omitiu ou chegou até nós incompleto ou desfigurado. (GUILHERMINO CÉSAR, 1998, p. 9-10)

É justamente o manuseio dessa rica documentação e a análise apurada dos aspectos culturais e sociolinguísticos presentes nesses textos que possibilitam aos pesquisadores vislumbrar as múltiplas relações entre sociedade, cultura e língua. Mais do que isso, perceber e entender a diversidade cultural fruto das diferentes realidades sociais, sejam étnicas, geográficas, linguísticas, econômicas, fronteiriças, urbanas, rurais e identitárias, bem como os marcos estruturais próprios às diferentes comunidades e que serviram para basilar a constituição sócio-histórica do RS.

Investigar a *história social e linguística do RS no século XIX* não é tarefa simples. Muito menos descrever, compreender e associar os múltiplos aspectos próprios à intrínseca relação existente entre língua e sociedade. Para tanto, nos valem de diferentes tipos de fontes históricas e sociolinguísticas, que servem como fio condutor para a representatividade da análise aqui proposta, e que compreendem um leque grande de realidades sócio-históricas aparentemente distintas, mas que dialogam e estão inter-relacionadas em muitos aspectos. Para este artigo, trazemos reflexões sobre alguns aspectos que julgamos importantes para a nossa proposta inicial de pesquisa e que merecem ser destacados: dados sobre censos e recenseamentos realizados no Brasil; dados sobre mobilidades populacionais, urbanas e rurais; importância dos jornais do século XIX; diferentes relatos de viagens ao RS do século XIX; a literatura do século XIX, em especial as peças de teatro; a variação linguística em fontes diretas do século XIX ao XX; algumas variáveis fonológicas características do RS.

Revisitando dados históricos e sociais próprios à constituição sociolinguística do Português do Brasil

O estágio sincrônico da língua é resultado de um desenvolvimento passado que continua no presente. Uma análise que correlacione resultados de *tempo aparente* (*apparent time*) com *tempo real* (*real time*), a partir de uma dimensão histórico-social, poderá evidenciar o processo e o estágio em que se encontra determinada mudança linguística. Quanto a isso, Labov (1994, p. 26) entende que o objetivo principal da utilização de dados diacrônicos é poder determinar o que ocorreu na história de uma língua ou de uma família linguística, levando-se em conta os aspectos sociais que contribuíram para o desenvolvimento de determinadas mudanças.

Para obter testemunhos da mudança em progresso, temos que separar a variação devido à mudança com origem na variação devido a fatores sociais como sexo, classe social, redes sociais e etnicidade, da variação devido a fatores internos como o acento oracional, o entorno segmental, a ordem das palavras e a estrutura sintagmática. (LABOV, 1994, p. 26)

Salienta-se, entretanto, que não é qualquer diferença de fala entre gerações ou entre grupos sociais que pode estar indicando mudança, entendendo-se que muitas das diferenças existentes na fala de cada grupo são apenas variantes e nada têm a ver, em princípio, com mudança. Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 188), ao postularem uma teoria para a mudança linguística, enfatizam que “nem toda a variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística envolve mudanças, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade”. Observa-se, assim, que as mudanças em progresso estão atreladas a uma concepção variacionista da linguagem e, por conseguinte, inseridas em um processo advindo de uma história social e linguística representativa de determinada sociedade.

Ao olharmos para os processos de constituição das comunidades de fala, mais especificamente para o desenvolvimento das áreas urbanas no Brasil, podemos notar que a partir da década de 1960 há uma forte urbanização fruto do período desenvolvimentista e do deslocamento populacional das zonas rurais para as zonas urbanas. O Gráfico 1, com dados extraídos do *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela o processo de mobilidade populacional em direção às zonas urbanas, tendo a década de 1960 como período inicial dessa nova configuração geográfico-populacional. Passamos de uma realidade caracteristicamente rural para uma realidade urbana a partir da qual configuraram-se novas realidades sociais, econômicas, culturais e linguísticas. Os trabalhos de Stella Maris Bortoni-Ricardo, referentes aos estudos sociolinguísticos de migração e redes sociais, documentam bem as transformações dialetais ocorridas em função dessa rápida urbanização ocorrida no Brasil.

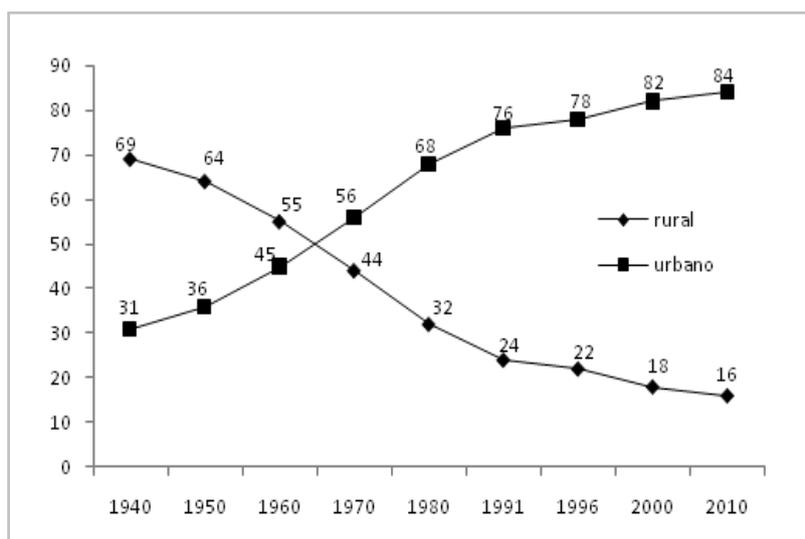


Gráfico 1: Percentual mobilidade rural vs. mobilidade urbana no Brasil (%). Fonte: IBGE

Guy (2000, p. 18), nesse aspecto, entende que a partir da noção de *comunidade de fala* pode-se unir as características linguísticas individuais de cada falante, com os aspectos próprios ao dialeto de determinada comunidade. Levando-se em conta as características de determinada comunidade, pode-se compreender melhor os fatores sociais que atuam nessa comunidade, como também as variações linguísticas advindas das diferentes manifestações sociais dos seus falantes. Assim, ao propormos um estudo para o melhor entendimento da *histórica linguística e social do Rio Grande do Sul do século XIX* estamos tratando da dinâmica histórico-social das variedades linguísticas, dos processos de mudança e das múltiplas relações entre língua e sociedade.

Alguns dados históricos mostram claramente a importância do século XIX para o *continuum* sócio-dialetal gaúcho e para as novas relações linguísticas advindas dos processos de imigração. Estima-se que, no RS, por volta de 1860, havia em torno de oitenta mil negros que, em sua maioria, eram escravos já adaptados ao país, trazidos do centro do país por bandeirantes e tropeiros. Também chegaram ao RS, no século XIX, os pomeranos, os alemães e os italianos, estabelecendo-se em diferentes localidades gaúchas. A partir de então, com o desenvolvimento industrial e econômico do século XX, houve forte desenvolvimento urbano em algumas regiões, havendo também forte migração das zonas rurais para as cidades-polo. Nesse aspecto, como destaca Amaral (2003), a constituição histórico-linguística do RS é bastante diversificada e culturalmente rica:

Portanto, em virtude do modo de ocupação do espaço, conviveram na zona urbana, ao longo do Século XX, falantes nativos de pomerano, falantes nativos de variedades de fala do norte da Itália, falantes nativos de espanhol platino, falantes nativos de variedades de fala do norte de Portugal, falantes nativos de variedades de português rural e falantes nativos de variedades de português urbano. (AMARAL, 2003, p. 19)

Conforme a publicação do *VI Recenseamento Geral do Brasil* de 1955 a respeito da população presente no Rio Grande do Sul, na data de coleta de informações, em 1872, havia 434.813 pessoas, sendo 78,05% analfabetas. O contingente maior de população corresponde a pessoas de 5 a 49 anos de idade, de religião católica e de nacionalidade brasileira nata. Já a população em 1890 e em 1900, passou a ser de 897.455 a 1.149.070, respectivamente, com um aumento significativo da população jovem (até 14 anos – 48,06%; 15 a 29 anos – 26,68%). Os indivíduos eram em sua maioria brancos (54,79%), em 1890, contra 16,52% de pardos, e 77% de pretos. Em 1900, a maior parte da população era de nacionalidade brasileira (87,74%) contra 11,25% de estrangeiros e de 1,73% de brasileiros naturalizados.

Diante dos dados das estatísticas coletadas sobre o Rio Grande do Sul do Censo Demográfico, podemos delinear o seguinte quadro social geral do Rio Grande do Sul no século XIX: população predominante branca, analfabeta, jovem e do sexo masculino.

A importância dos jornais para o entendimento da constituição histórico-linguística e social do RS

Os jornais desempenharam um papel importante ao longo das transformações socioculturais ocorridas no RS. A pequena imprensa, característica do século XIX, garantiu que, além dos interesses dos grupos dominantes e poderosos de então, também fosse possível a manifestação de grupos minoritários que puderam expressar as suas diferentes formas de manifestações e inconformidades com relação ao poder social e econômico de então. Pequenos jornais foram responsáveis pelas manifestações mais autênticas de contestações sociais atreladas a diferentes matizes de opiniões, sejam elas de inclinações políticas, ideológicas, sociais, éticas ou religiosas. No jornal *O Pelotense*⁴, editado na cidade de Pelotas-RS, na segunda metade do século XIX, podemos observar no seu cabeçalho essa diversidade editorial:

| OPELOTENSE |

| O Pelotense, periodico commercial, político e de notícias, publica-se ás terças, quintas e sabbados, na typographia *Imparcial* de Candido Augusto de Mello, rua | Alegre canto da Palma. Recebe correspondências| pelo preço que se convencionar, e insire GRATIS artigos, | científicos ou de litteratura. |

|| ANNO III QUINTA FEIRA 10 DE MARÇO DE 1853. NUMERO 183.⁵

Essas opiniões críticas eram geralmente marcadas pelo humor e pela sátira, sendo que, em alguns casos, pelos próprios depoimentos e declarações dos cidadãos como também pelos

4 *O Pelotense* foi um jornal editado na cidade de Pelotas – RS de 07 de novembro de 1851 a 21 de março de 1855. Foi o primeiro jornal da cidade.

5 Transcrição conforme Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos Para a História do Português do Brasil. In: MATTOS E SILVA, R.V. (org.). *Para a História do Português Brasileiro*. v. II: Primeiros Estudos, Tomo II. São Paulo: Humanitas, 2001. p.553-555.

editoriais de pequenos jornais. Alves e Torres (1997, p. 16) destacam que:

No Brasil do século XIX, a pequena imprensa exerceu função primordial durante a evolução político-institucional do país. No Rio Grande do Sul da mesma época, caracterizado pelas rivalidades, pelas divergências e pelos conflitos político-ideológicos e, conseqüentemente, pelos confrontos militares, o jornalismo, marcadamente o praticado pelas pequenas folhas, teve papel decisivo. (ALVES E TORRES, 1997, p. 16)

Nasi (2016) mostra a importância dos documentos escritos para o entendimento da *memória linguística* do português, sendo que a documentação existente em língua portuguesa torna-se fundamental para a reconstrução da memória linguística de uma comunidade. Com relação aos jornais, o autor afirma que:

O jornal, como documento de imprensa, apresenta eventos históricos da época na qual é produzido. Por meio de jornais, é possível retroceder ao passado de uma determinada comunidade, por exemplo, pois este revela fatos, notícias e eventos de um determinado tempo. O Rio Grande do Sul pode ser considerado um dos estados brasileiros com maior circulação desses impressos no século XIX, ao lado do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. (NASI, 2016, p. 151)

É importante referir, ainda, que os jornais possibilitam uma descrição muito relevante sobre a sociedade de determinada época, como também sobre as reações das pessoas em função dos conflitos e situações decorrentes dos diferentes estratos sociais. Como refere Nasi (2016, p. 151), “o jornal, como documento de imprensa, apresenta eventos históricos da época na qual é produzido”.

A Gazetinha:

os escriptores da “Gazetinha”, sem excepção de um único, são todos elles homens pobres, alguns paupérrimos (...) Alguns dentre elles são simples operarios, que furtam diariamente algumas horas ao repouso, trocando a ferramenta pela penna. (A GAZETINHA, Porto Alegre, 11 de julho de 1898, p.1 – Cautella)

Os jornais, no caso específico do século XIX, fazem parte e denunciam um processo socio-histórico de constituição da sociedade gaúcha, com os seus diferentes conflitos e reflexos que ainda podem ser encontrados nos dias atuais, revestidos de outras formas e difundidos em outros meios de informação, embora ainda impregnados dos mesmos sentimentos, entre eles os de intolerância, preconceitos e autoritarismo. Muito do que somos, como agimos, o que discriminamos, o que defendemos e acreditamos, pode ser melhor entendido se olharmos para o passado e analisarmos o *continuum* das nossas experiências humanas que nos forjaram enquanto cidadãos e que constituíram as nossas identidades sociais. Um exemplo disso podemos encontrar nos anúncios de um jornal gaúcho do século XIX:

| ALUGA-SE uma preta para ama, tem | excelente leite, e é muito carinhosa, quem a pretender, dirija-se á rua Alegre número 40, | que achará com quem tratar. | (OPELOTENSE, 10 DE MARÇO DE 1853. N. 183.)

| *Occurencias.* | Foram presos á ordem do delegado, Antonio | Firmo da Silva, potuguez, appellidado *marmela*|da, vadio, ébrio, e sem domicilio, que por seus | maus costumes, tinha sido prohibido de habitar | dentro do termo; estar embriagado, e não ter domi|cílio; e as pardas, Leonarda, e Leocádia Pereira | dos Santos, por haverem espancado a outra mulher. | (OPELOTENSE, 22 DE MARÇO DE 1853. N. 187.)

| IDEM DO DIA 20. | Impôz-se a competente multa: – a Francisco José Tavares, por consentir, de noite, dentro de | sua venda, grande reunião de pretos escravos a | cantar e a bailar; e a Antonio José Pereira Braga, | e Francisco Xavier de Oliveira, por terem as suas | vendas abertas depois do toque de recolher. | (OPELOTENSE, 22 DE MARÇO DE 1853. N. 187.)

Relatos de viagem ao Rio Grande do Sul no século XIX: aspectos culturais e sociolinguísticos

Os cadernos, as anotações de viagem e de impressões registradas pelos viajantes europeus que estiveram no Rio Grande do Sul no século XIX são registros e descrições importantes da história, cultura, *modus vivendi*, tradições e comportamentos dos habitantes e das comunidades gaúchas. Com a abertura dos portos e dos canais de navegação ocorridas no Brasil a partir do início do século XVIII, muitos viajantes europeus passaram a visitar as principais cidades brasileiras, motivados por diferentes interesses, sejam eles científicos ou de outra natureza, o que possibilitou a produção de registros escritos sobre suas viagens e impressões e, por conseguinte, sobre a sociedade brasileira daquela época. Estiveram no Rio Grande do Sul Robert Avé-Lallemant, Maximiliano Beschoren, Alexandre Baguet, entre outros viajantes europeus. Nesse aspecto, Leite (1996) ressalta que:

A partir de 1808, iniciou-se, portanto, a produção sistemática de obras sobre o Brasil, escritas por viajantes de várias procedências, engajadas ou não em missões científicas, e que se propunham a estudar o País e interpretá-lo para o resto do mundo. (LEITE, 1996, p. 40)

Trataremos aqui de questões específicas e que estejam de acordo com o tema proposto, qual seja, uma visão geral sobre *uma história linguística e social do Rio Grande do Sul*. Para tanto, trazemos inicialmente a literatura de viagem escrita por Beschoren, *Impressões de Viagem na Província do Rio Grande do Sul – 1875-1887*. Na sua obra, ao descrever sua passagem pela *Vila e Município de Passo Fundo*, destaca a importância da colônia de origem alemã no RS, ao afirmar que:

O elemento alemão é, portanto, fortemente representado, e possui um qualquer tipo de negócio, seja na profissão ou indústria, uma posição dominante e de destaque. É uma das mais favorecidas dentro da cultura germânica da Província. (BESCHOREN, 1989, p. 35)

Beschoren, nas décadas de 1870 e 1880, esteve em Santa Cruz do Sul, Passo Fundo, Cruz

Alta e Nonoai, localidades gaúchas compostas por grupos de imigrantes alemães e comunidades indígenas. Com relação à colônia brasileira de origem alemã, o autor identifica um aspecto sociolinguístico importante, atrelado aos estudos sobre bilinguismo e políticas linguísticas.

Os professores particulares não conseguiam atender às 200 crianças em idade escolar e sofriam com a predominância da verbalização alemã. Pela dificuldade da linguagem, os professores viam seu trabalho perdido e não se aguentavam por muito tempo nas escolas.

Assim, os filhos ficavam anos a fio sem aulas, ou as tinham precariamente, apesar de os pais serem prósperos e bem posicionados. Num artigo que enviei ao “Export” (1882) abordei o assunto da falta de escolas que, na velha Terra Natal, provocou o mais vivo interesse, mais do que no local, junto aos interessados.

Atualmente duas escolas públicas foram abertas, mas o ensino limita-se ao estritamente necessário e está abaixo do que a nossa juventude precisa. Sempre lamentei que não conseguissem um professor alemão competente, que saiba lecionar o português, para que a aplicação e a energia dessa crescente geração não se perca. (BESCHOREN, 1989, p. 35)

Como podemos observar, essas reflexões do autor acerca de ensino bilíngue e políticas linguísticas ainda estão presentes em muitos estudos e análises sobre comunidades gaúchas alemãs. As constatações de Beschoren, relatadas no final do século XIX, são extremamente contemporâneas e relevantes para o entendimento das questões culturais e educacionais presentes nas comunidades gaúchas de origem alemã.

Aspectos sociais de outras regiões gaúchas também estão registrados no livro de Beschoren. Com relação às comunidades de Passo Fundo e de Nonoai, o autor afirma que “No início do século dezenove, a região montanhosa era quase desconhecida, constituindo-se de propriedade de nativos e selvagens, que nela habitavam” (BESCHOREN, 1989, p. 53). Sobre seu contato com a população indígena e a tentativa de entender a língua desses povos, Beschoren relata que:

Eu queria complementar o meu vocabulário indígena, adquirido em Nonoai. Perguntei a um índio, que falava bem o português, sobre palavras e pequenas frases de meu interesse. No início dizia pontualmente. De repente me perguntou porque eu queria saber isso ou aquilo. Disse-lhe que gostaria de aprender a língua de seu povo.

Pensou um pouco na minha resposta, que de maneira alguma o convenceu. Quando prossegui com minhas perguntas, me disse simplesmente: - ‘Isso você não precisa saber!’ e desapareceu mata a dentro. (BESCHOREN, 1989, p. 64-65)

A obra de Avé-Lallemant, *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul – 1858*, também merece atenção especial, pois constam informações relevantes sobre teatro e jornal alemão do século XIX em Porto Alegre. O autor faz referência a um pequeno teatro denominado *Teatro*

Alemão, no qual eram encenadas peças de teatro exclusivamente em língua alemã, lembrando em tudo “ao Teatro velho da minha querida e mui ilustre cidade natal de Lubeck” (Avé-Lallemant, 1980, p. 113).

Em outra passagem, ao referir-se à região do Rio do Sinos, mais especificamente à Vila de São Leopoldo e à comunidade de Monte Bonito, Avé-Lallemant traz uma informação importante sobre a relação entre as línguas alemã e portuguesa.

Mas, passando-se o rio e atingindo-se o Monte Hamburgo, cessa qualquer vestígio do Brasil. Nenhum brasileiro – assim denominado, aqui, os filhos dos imigrantes alemães – nenhum brasileiro entende uma única sílaba de sua língua materna, não fala uma só palavra em português. A muitos desses descendentes, casados há muito tempo, a casa cheia de filhos não se lhes ouve uma palavra em português. Posso dizer que aqui há uma região de 50 milhas geográficas quadradas, cujos habitantes sempre falam uma língua estrangeira, a alemã, e nunca aprendem a língua do país, a portuguesa, porque nunca têm ocasião de ouvi-la. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 146-147)

Avé-Lallemant (1980, p. 158) faz referência também a um jornal alemão de Porto Alegre, do século XIX, denominado *Der Deutsche Einwanderer*, escrito em alemão e direcionado aos imigrantes germânicos do RS, o que revela um aspecto linguístico-cultural importante, haja vista que os jornais eram veículos fundamentais para difundir os aspectos culturais, identitários, ideológicos e políticos daquele período.

Ao relatar a sua passagem pelas comunidades gaúchas de São Borja e Passo do Uruguai, Avé-Lallemant trata da língua guarani, *falada pelo povo nas margens do Uruguai*, trazendo informações de natureza fonético-fonológica advindas da sua empírica percepção linguística:

Ocorrem na língua sons nasais e guturais, ressonâncias palatais e estalidos com a língua, com que a gente fica pasmado. É proferida com estalidos da língua, cantada, assoviada, gemida, tossida, pigarreada, arrotada, vomitada e mais do que tudo acompanhada de trejeitos que por si sós exigiriam um estudo e uma gramática. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 274)

Outra obra relevante é a do belga Baguet, *Viagem ao Rio Grande do Sul*. O autor traz uma importante afirmação sobre a imprensa e os jornais brasileiros, indicando que “antes de 1808 não existia nenhuma tipografia e nenhum jornal, enquanto que em nossos dias publicam-se cerca de uma centena de jornais em diversas línguas” (BAGUET, 1997, p. 38). Em nota de rodapé, destaca que: “O primeiro jornal na imprensa rio-grandense foi o *Diário de Porto Alegre* (1827-28)”.

Em outra passagem, Baguet fala dos *negros* e seus costumes e crenças, relatando uma determinada situação ocorrida:

Enquanto tomamos nossa refeição, acorados sobre couros de boi, os negros nos distraem com um canto melancólico e monótono no idioma africano.

Após o canto eles colocam-se em círculos; dois deles executam uma dança grotesca, acompanhada de contorções, cambalhotas e estalos da língua ao som da *marimba*, enquanto o resto do grupo bate o compasso com as mãos. Aos poucos, o movimento se torna mais animado, a dança mais rápida e logo todo o bando toma parte, emitindo gritos e vociferações selvagens: um verdadeiro sabá! (BAGUET, 1997, p. 43-44)

Ao relatar sua estada em uma estância em São Gabriel e suas observações sobre os costumes próprios da província, Baguet atenta para um costume e linguagem peculiares dos *gaúchos*:

Chegando numa *estância*, fica-se a cavalo até a chegada do proprietário ou do *capataz (zelador)* a quem se pede hospitalidade ou *pousada*.

Ele responde: “*Apea-se*” [sic]; a partir desse momento você é seu comensal. Raramente pergunta quem você é, de onde vem; você é seu hóspede e isso é suficiente; pode usufruir de sua hospitalidade durante semanas inteiras. (BAGUET, 1997, p. 50)

Os relatos de viagens, ao serem utilizados metodologicamente para pesquisa sociolinguística, podem trazer informações importantes e representativas sobre um determinado tempo e lugar, como também mostrar e denunciar aspectos sócio-históricos próprios à formação e à constituição das comunidades de fala do RS.

As peças de teatro no século XIX: o imaginário cultural e a realidade comportamental das pessoas

Com relação à formação histórica do Rio Grande do Sul, autores como Flores (1997) e César (1998) atestam que o início da colonização lusa no nosso Estado deu-se em 1737, quando José da Silva Paes e Cristóvão Pereira de Abreu aqui adentraram através da Barra do Rio Grande. Até o início do século XIX, o acesso à Província estava limitado ao canal do Rio Grande, principalmente para as famílias, autoridades, literatos e artistas que traziam as novidades de outros centros do Brasil, como também da Europa.

A partir de 1830 é que as atividades culturais, como a imprensa, a literatura e as artes teatrais começaram a florescer, principalmente nos grandes centros como Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, estendendo-se também por outras cidades da campanha e fronteira. Autores como Qorpo Santo, Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre, Taveira Júnior e Simões Lopes começaram, principalmente na segunda metade do século XIX, a desenvolver uma literatura associada ao cotidiano da sociedade gaúcha daquela época⁶.

Assim, as cópias e representações de peças de autores europeus, principalmente francesas e portuguesas, que eram apresentadas nos palcos dos teatros gaúchos, começaram a ceder lugar para obras associadas a fatos representativos do cotidiano daquele período histórico. As

⁶ Veja-se, nesse aspecto, a obra de HESSEL, L. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

características próprias ao comportamento social das pessoas que aqui viviam, como também a valorização do aspecto regional associado ao homem *rurbano*⁷ gaúcho, começam a ser valorizadas e transportadas para as obras literárias dos autores citados, principalmente no que se refere ao teatro.

Isso pode ser observado na peça de teatro *A viúva Pitorra*, de Simões Lopes Neto, que corresponde ao final do século XIX e que representa bem as características cotidianas da época: ambiente provinciano, burguesia atrelada à cultura europeia, relacionamentos amorosos com fins econômicos, excessiva valorização dos sinais exteriores característicos da *situação de luto*, vigilância da sociedade sobre os atos da viúva, dogmas atrelados a determinados assuntos (como sexo), etc. Nesse sentido, acredita-se que a linguagem utilizada pelas pessoas, nas suas diferentes situações de uso, em maior ou menor grau, também esteja representada nos diferentes diálogos encontrados nas peças de teatro.

Pitorra: Não sei ainda...Acho-lhe um jeito de sujeito meu conhecido, mana. Aquele nariz...Aquele nariz...Olhe, mana, nariz que eu notar deve ser mesmo especial. E tão barbado! A cara parece um travesseiro de crina vegetal...

Eulâmpia: Ora, mana! É o que ele tem de bom! Você lá imagina. Como é agradável a gente, nós, mulheres peladas, roçarmos a cara numa barbacena!

Pitorra: São gostos! Eu prefiro a barba feita...

Eulâmpia: É...e...e quando está meio crescida...aquelas pontinhas ficando na gente...arranhando...Ora que graça!

Pitorra: Como você se interessa pelo peludo!

(In: *A Viúva Pitorra*, p. 100-101)

As peças de teatro são proveitosas para entendermos determinados comportamentos sociais da época, muitos deles ainda presentes na cultura e linguagem atual. É o que podemos verificar nos diálogos encontrados na peça *O Boato*, também de Simões Lopes Neto, do final do século XIX, onde aspectos sociais das personagens, como faixa etária, escolaridade e classe social estão representados linguisticamente nos diálogos:

[Boato: tipo da atualidade, pseudo professor; menino: aluno]

Boato: – Não se incomode; por aí se vê o progresso real da aula. Que gênios eu vou tirar daqui!

4º menino (que tem estado a retorcer-se) – “**fessor**”, já não posso mais!...

A utilização do termo *fessor*, já em 1893, demonstra a própria dinamicidade da língua, nas suas inúmeras possibilidades de fluxo e contrafluxo, a ponto de uma gíria que atualmente é

⁷ O termo *rurbano* é utilizado para caracterizar os fortes laços do homem urbano daquela época com o meio rural. Deve-se enfatizar que a base da economia gaúcha de então estava na pecuária.

tão utilizada pela *gurizada* nas escolas, ao dirigirem-se aos professores, já estivesse presente em situações semelhantes de diálogos em sala de aula também no século XIX.

Outra situação importante que demonstra a correlação língua e sociedade pode ser verificada na seguinte passagem de um diálogo na mesma peça de teatro *O Boato*:

Boato: – Muito bem; estes são os princípios, eu os educarei e aperfeiçoarei; outros se cobrem de cintilantes ouropéis; eu vos cobrirei de estanho, que é modesto, e quanto mais estanhados, mais encouraçados!... Agora, valor; vamos a conquista do mundo! Artigo 1º em vigor! (os meninos atiram os livros no ar!)

5º menino – Ninguém estuda! **Que pagode!**

Observa-se, na resposta do aluno, a utilização do termo *pagode*, distante do dialeto gaúcho de então. Ocorre que, o autor Simões Lopes Neto, aos treze anos, em 1878, fora estudar no Rio de Janeiro, no Colégio Abílio. Mais tarde, retorna a Pelotas, sua terra natal. Como sabemos, *pagode* é um tipo de samba muito comum no Rio de Janeiro, nas rodas de samba feitas nos *fundos de quintal*. Mas sua origem remonta ao século XIX, associado às festas que aconteciam nas senzalas e, mais tarde, se tornou sinônimo de qualquer festa regada a bebidas e cantorias.

Ora, Simões Lopes Neto, certamente, teve contato com este termo quando estudara no Rio de Janeiro, nos idos de 1878, trazendo a palavra *pagode* para a sua obra associada a uma situação de *total liberdade e certo descontrole*, haja vista que o professor *Boato* estabeleceu em sala de aula *Artigos* libertários determinando aos alunos, conforme o proposto no Art. 1º, que em sala de aula “só se estuda quando se quiser”; e por isso a imediata resposta do “5º menino”: “Ninguém estuda! Que **pagode!**”.

Constata-se, nesses casos, situações atreladas à força da linguagem. Ao representar fielmente a fala das personagens, Simões Lopes Neto possibilitou a compreensão dos caminhos e percursos históricos próprios ao que denominamos atualmente português brasileiro. Os diálogos revelam dados preciosos para os estudos sociolinguísticos, pois denunciam claramente contextos sociais, representativos e simbólicos da interação linguagem-sociedade, nas suas mais diversas possibilidades, mostrando claramente a intrínseca relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos, independentemente do momento sócio-histórico.

Os textos de teatro, no caso específico das peças do século XIX, são fontes pertinentes para os estudos dos processos de variação e mudança linguística, pois reportam a situações sociolinguísticas identificadas socialmente com determinada linguagem coloquial representativa de uma determinada época. No final do século XIX, em 1896, Simões Lopes Neto escreveu duas versões para a peça *A Viúva Pitorra*. Uma primeira, para ser publicada; a segunda, para ser encenada. Ambas apresentam a mesma história em variantes diferentes, o que demonstra que o referido autor foi um escritor sensível às questões envolvendo a língua, observador atento de pessoas, de costumes, de falares, de uma sociedade intrinsecamente heterogênea, múltipla e

complexa.

Para tanto, foi também um homem e um escritor que conseguiu captar o sentido representativo das variedades linguísticas e sociais, permitindo-nos entender determinadas variações que possibilitaram mudanças importantes próprias ao comportamento sociolinguístico do português brasileiro. Para ilustrar, apresentamos dois diálogos presentes nas duas versões da peça *A Viúva Pitorra*:

<u>versão para publicação:</u>	<u>versão para encenação:</u>
Pitorra – Como você se interessa pelo peludo!...	Pitorra: Como você se interessa pelo peludo!
Eulâmpia – Não é! Foi meu companheiro de viagem, muito amável, sempre pronto, e eu... desejava que ele se arranjasse depressa, coitado. Ora, aí está.	Eulâmpia – Não é! Foi meu companheiro de viagem, muito amável, sempre pronto, e eu desejava que ele se arranjasse depressa, coitado. Ora, aí está.
Pitorra – Está bem. Logo que o Cidreira chegue, decidimos. Passei na loja e pedi-lhe alguns objetos que ele mesmo ficou de trazer.	Pitorra – Está bem. Logo mais decidimos, mana. (<i>Saindo</i>) Agora vamos ver o meu vestido. E já vou mudar este. Está me arrepiando. (<i>Parando.</i>) Ah! mana! Logo me lembre para tirar daí o retrato do Pitorra. Afinal já vou tirar o luto...
Eulâmpia – (À parte) Se o Cidreira tivesse as qualidades da erva-cidreira, que benefício para a mana!...	Eulâmpia – (À parte) Fazer lugar pro Cidreira! (<i>Alto.</i>) E onde se guarda?
Pitorra – Vamos... Espere, o melhor é até eu mudar já o vestido, não é? Este perfume está me arrepiando. Depois da missa do estilo, <i>a gente</i> já pode tirar o luto. (In: <i>A viúva Pitorra</i> , p. 50)	Pitorra – Guardo... Penduro... Ora... arrumo, no armário dos livros, com o outro... (<i>Sai à esquerda baixa.</i>) (In: <i>A viúva Pitorra</i> , p. 100-101)

Como podemos observar, em cada uma das versões as personagens manifestam-se de formas diversas, o que fica claro nos diálogos da peça teatral de Simões Lopes. O fato de o autor preocupar-se com as questões linguísticas torna-se um aspecto extremamente fundamental, pois mostra o cuidado e a sensibilidade que Simões Lopes dispensou para os fatores linguísticos, literários, estilísticos, regionais e sociais em suas obras. Certamente, além de Simões Lopes ter representado, descrito e apresentado um momento histórico tão importante da nossa cultura, também deu voz a tantos personagens identificados com as realidades sociolinguísticas de seu tempo, essa peculiar sensibilidade de perceber o pitoresco, o coletivo e o particular.

Aspectos como identidade, atitude, classe social, escolaridade, faixa etária, entre outros, estão representados nas obras mostrando traços relevantes de uma comunidade de fala e de uma realidade social diversificada.

Alguns aspectos da variação linguística em fontes diretas do século XIX ao XX

Com relação aos estudos linguísticos, em especial sobre o uso de *a gente* e como se deu esse processo de mudança em *tempo real*⁸, o trabalho de Lopes (1999) sobre *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico* serve como referência para o estabelecimento do período inicial, segunda metade do século XIX, a ser analisado para os fins aqui propostos, qual seja, contribuir para o estabelecimento de uma *memória linguística e social do RS*. A autora, utilizando-se de dados retirados de textos do século XIII ao século XX, busca caracterizar a inserção de *a gente* no sistema dos pronomes do português. A partir da análise, a autora conclui que:

O processo de pronominalização do substantivo *gente* foi lento e gradual, uma vez que só foram localizadas ocorrências de *a gente* como pronome na segunda metade do século XVIII. Antes disso, mais precisamente entre o século XVI e a primeira metade do século XIX, há exemplos esporádicos em que a forma *a gente* apresenta ambiguidade interpretativa, ou seja, tanto pode ser considerada sinônimo de “pessoas” quanto variante de *nós*. (LOPES, 1999, p. 72)

Do mesmo modo, como se configura a intensificação do emprego de *a gente* como forma pronominal do século XIX em diante, a interpretação ambígua deixa de se fazer presente. (LOPES, 1999, p. 74)

Levando-se em conta estas constatações, verifica-se a importância do período referente ao final do século XIX como relevante para os estudos sócio-dialetais próprios à constituição histórica do PB. O processo de variação e mudança decorrente da utilização do pronome *a gente* no PB ilustra bem a intrínseca relação existente entre língua e sociedade e os diferentes reflexos e caminhos dessa relação, como por exemplo (a) as modificações envolvendo componentes semânticos que possibilitaram que a forma *a gente*, de caráter indeterminado, se integrasse plenamente no quadro dos pronomes pessoais do PB; (b) os estágio(s) desse percurso e a efetivação da forma *a gente* como pronome pessoal, com valor referencial; e (c) a identificação dos diferentes *graus de pessoalização* do pronome *a gente*.

Para caracterizar o século XIX como marco importante para os estudos sociolinguísticos em torno da constituição histórica do PB, trazemos à tona o trabalho de Borges (2004), que propõe uma análise de peças de teatro correspondendo a um período de 100 anos. As peças selecionadas têm a comédia como gênero principal ou peças que reflitam, da melhor forma possível, o cotidiano de determinadas pessoas e grupos através de seus costumes. Um dos objetivos da escolha do teatro, e mais especificamente de peças que refletissem o cotidiano das pessoas, foi poder representar a linguagem mais informal utilizada pelas pessoas comuns em seus afazeres

8 Referido aqui como o desenvolvimento na evolução linguística num período de tempo, a partir da comparação do comportamento linguístico de falantes em dois (ou mais) momentos temporais distintos, diferentemente do *tempo aparente*, em que se estuda os fenômenos variáveis num determinado momento e/nas diferentes faixas etárias.

cotidianos, aproximando-se o máximo possível do vernáculo⁹.

As peças de teatro são textos escritos para serem falados, supostamente mais próximos da fala efetivamente produzida ou, pelo menos, distinto dos outros gêneros como o narrativo, por exemplo, que são produzidos para serem lidos. Deu-se especial atenção, portanto, para obras em que a comicidade estivesse presente nos diálogos, caracterizando o que se chama de *comédia de costumes*, para tentar traçar o percurso do uso da forma *a gente* no Rio Grande do Sul. Especialmente as comédias podem constituir um significativo *corpus* para os estudos linguísticos, uma vez que os diálogos tendem a recriar, em maior ou menor grau, a linguagem cotidiana das pessoas. As obras foram detalhadamente selecionadas levando-se em conta as especificidades da proposta de análise. A escolha de autores do sexo masculino, por exemplo, explica-se pela escassez e/ou pouca divulgação de autoras femininas na literatura do século XIX e início do século XX, em especial no que se refere ao teatro. As pesquisas realizadas na bibliografia sobre o teatro no Rio Grande do Sul (cf. VILLAS-BÔAS, 1991 e HESSEL, 1999) demonstram esse fato.

As obras utilizadas, bem como as décadas e o número de ocorrências equivalentes a cada uma das peças, constam do Quadro 1:

Obra / autor / ano	Década	número ocorrências
1 – A viúva Pitorra (Simões Lopes Neto) – 1896	1890	31
2 – A ciumenta velha (Joaquim Alves Torres) – 1905	1900	16
3 – Nossa terra (Abadie Faria-Rosa) – 1917	1910	72
4 – Adão, Eva e outros membros da família (Álvaro Moreira) – 1927	1920	48
5 – Iaiá Boneca (Ernani Fornari) – 1938	1930	52
6 – Seis anos de rádio: história anedótica de Pery & Estellita (Pery Borges) – 1942	1940	74
7 – Quando elas querem (Paulo Hecker Filho) – 1958	1950	83
8 – A ponte (Valdir Ruzicki) – 1962	1960	145
9 – Pode ser que seja só o leiteiro lá fora (Caio Fernando Abreu) – 1974	1970	70
10 – Bye,bye sweet home! A barra do tribunal, Casinha pequenina, Tudo no divã (Ivo Bender) – 1983	1980	20
11 – A coisa certa (Júlio Conte) – 1995	1990	101

Quadro 1: Décadas e número total de ocorrências das formas nós e a gente

⁹ O termo *vernáculo* é referido aqui no sentido sociolinguístico de sua utilização, ou seja, a língua falada em uma situação cotidiana de comunicação. Por extensão, linguagem presente nas narrativas de experiência pessoal.

Na análise das peças foi encontrado um total de 712 ocorrências distribuídas da seguinte forma: 189 ocorrências de *nós* expresso¹⁰ (=27%); 162 ocorrências de *a gente* expresso (=23%); 354 ocorrências de *nós* não-expresso (=49%); 7 ocorrências de *a gente* não-expresso (=1%). É necessário dizer que o total de 712 ocorrências representa a presença das duas formas em todas as funções sintáticas possíveis. Por isso, o percentual de *a gente* não parece muito expressivo (apenas 23%).

Considerando-se apenas as ocorrências dos pronomes *a gente* e *nós* expressos, o percentual de uso de *a gente* passa para 46%, exatamente o dobro do verificado anteriormente. Para efeitos comparativos, o Gráfico 2 mostra como a forma *a gente*, principalmente depois da década de 1960 (com percentuais acima de 35%), passa a competir efetivamente com a forma pronominal *nós*.

No que se refere ao pronome não-expresso *nós*, verifica-se um claro decréscimo no seu uso, decorrente da cristalização da forma *a gente* no quadro dos pronomes pessoais do PB. Concomitantemente, a forma *a gente* passa a substituir também o pronome expresso *nós*, em virtude de um processo efetivo de variação entre as duas formas, incrementado também a partir da década de 1960.

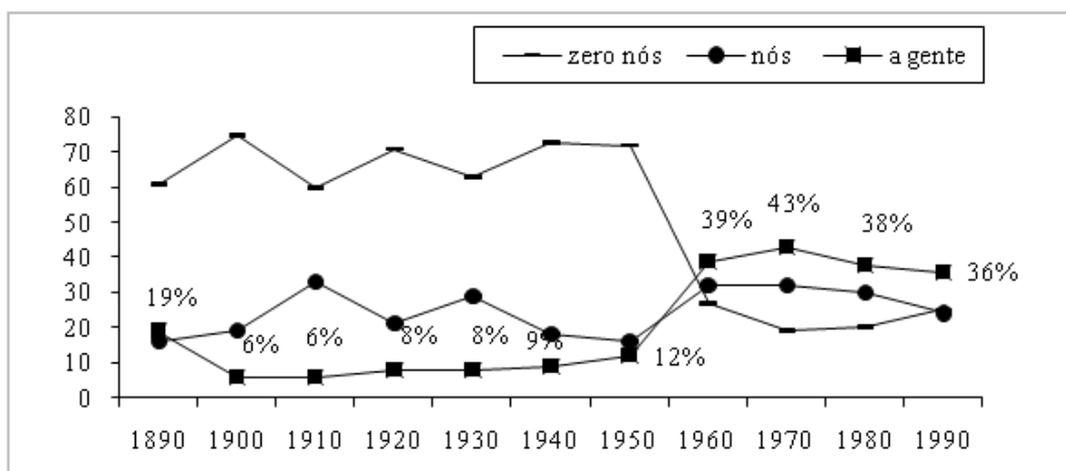


Gráfico 2: Percentual de uso de *a gente*, comparativamente com *nós* (expresso e não-expresso), nas onze peças de teatro analisadas¹¹

É interessante frisar que, de certa forma, essa mudança vai ao encontro dos resultados apresentados por Duarte (1995, 1996) e por Tarallo (1996), que mostraram a crescente preferência dos falantes do PB por pronomes expressos. Os resultados, ao serem confrontados com os aspectos sociais envolvidos nesse processo, mostram a existência da inter-relação entre fenômenos linguísticos e fatores sociais.

¹⁰ Utilizou-se aqui os termos *expresso* e *não-expresso* para ressaltar a presença ou não da forma *a gente* (ou *nós*) na oração. Quanto à terminologia, destaca-se que Tarallo (1996) usa as expressões *preenchido vs. não-preenchido*; e Duarte (1996), as expressões *pleno vs. nulo*.

¹¹ Não constam no Gráfico 2 os casos não-expressos de *a gente*, porque foram apenas 7 ocorrências.

Especificamente em relação à função de sujeito, verificou-se um total de 246 ocorrências de *nós* e *a gente* expressos, assim distribuídas: 122 de *nós* (=50%) e 124 de *a gente* (=50%). Na função de sujeito, portanto, há uma forte presença do pronome *a gente* em competição com *nós*, o que evidencia o incremento da mudança, nesse contexto linguístico, em direção a formas pronominais expressas. Revela-se, também, a efetiva introdução da forma *a gente*, em variação com a forma *nós*, no sistema pronominal do PB, principalmente a partir da década de 1960.

O uso de *a gente* expresso, na primeira metade do século XX, ficou com um percentual médio de 32%. A partir da década de 1960, a curva ascendente fica mais pronunciada, deixando clara a competição entre as formas *nós* vs. *a gente*, como também a aceleração do processo que, dadas as proporções, a direção e as evidências já registradas na literatura, se configura como mudança em curso. Da década de 1960 em diante, a forma *a gente* expressa tem sempre percentual superior a 50%, bem acima dos percentuais das décadas anteriores, superando também a forma *nós*.

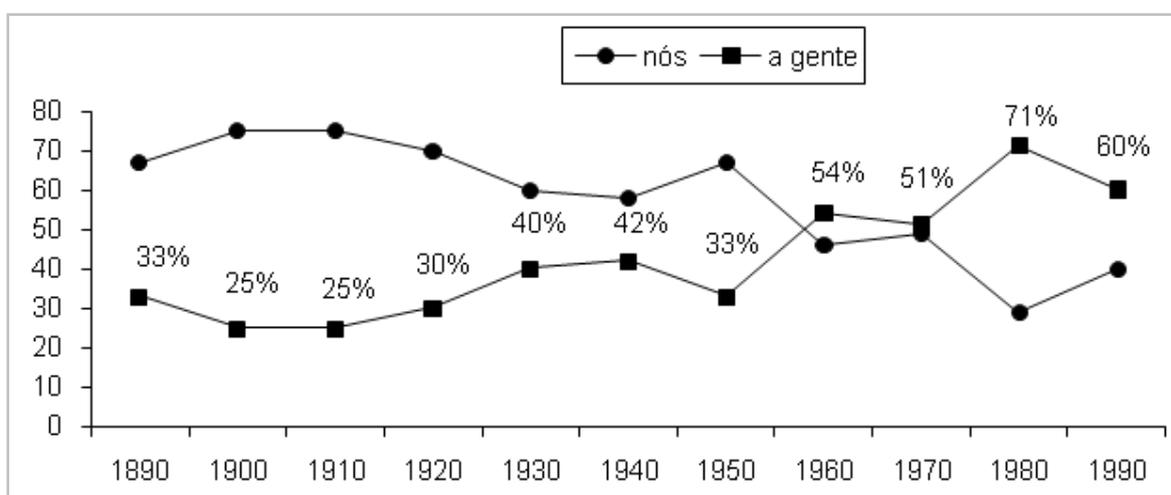


Gráfico 3: Percentual de uso de *a gente* expresso, em função de sujeito, comparativamente com *nós*, nas onze peças de teatro analisadas

Esses dados poderiam sugerir que a utilização de *a gente* é um fenômeno relativamente novo no PB, mas o registro dessa forma como característica da linguagem rural e popular, nos trabalhos de dialetologistas (cf. AMARAL (1920 [1955, p. 73-74]), NASCENTES (1922 [1953, p. 170])), na primeira metade do século XX, nos faz pensar que essa seria uma conclusão apressada e que outras considerações seriam necessárias acerca dos fatores linguísticos, históricos e sociais que contribuíram para a pronominalização de *a gente* no PB.

Os resultados do Gráfico 3 também revelam que a obra *A Viúva Pitorra*, de Simões Lopes Neto, referente ao século XIX (década de 1890), apresenta um percentual relativamente alto de 33% para o uso de do pronome *a gente*, o que pode revelar uma sensibilidade do autor relacionada às questões sociolinguísticas. Esse fato é extremamente relevante, pois mostra o cuidado e a sensibilidade que Simões Lopes dispensou para os fatores linguísticos, estilísticos,

regionais e sociais em suas obras. Certamente, além do autor ter representado, descrito e apresentado um momento histórico tão importante da nossa sociedade e da nossa cultura, também deu voz a tantos personagens identificados com as realidades sociolinguísticas de seu tempo.

Variáveis fonológicas características do RS

A variedade gaúcha caracteriza-se por aspectos linguísticos variados. Algumas expressões e vocábulos fazem parte de marcas identificadoras da cultura e dos costumes da região, como *tchê, mas bah, bem capaz, guri, pila*, dentre outras, assim como o uso da segunda pessoa *tu* sem flexão do verbo, como em *tu faz*, em vez de *tu fazes*.

Além do ritmo da fala peculiar, alguns sons proferidos em certas regiões do Estado parecem estereotipar a fala do povo gaúcho em geral, como a realização de [e] e [o] em final de palavra, em sílaba átona, como em *leit[e] quent[e]com bol[o]*; a realização do *erre* vibrante anterior na posição de início de palavra, como em *[r]ato*; o *erre tepe* em final de sílaba; a não realização de epêntese em grupos consonantais mediais, como em *[optar]* e não **[o'pitar]*; a utilização de um [l] e não de um [u] em palavras como *sol e incrível*, por exemplo. Embora essas variantes linguísticas não sejam exclusivas da fala do RS, frequentemente, essas pronúncias acabam diferenciando a fala gaúcha de outras regiões brasileiras.

Trataremos de abordar, de forma sumária, alguns resultados com relação às variáveis fonológicas características da fala do Sul do País, com base em estudos diversos, sob perspectiva da Sociolinguística Quantitativa laboviana e por meio de dados do acervo de fala espontânea do Projeto Variação Linguística do Sul do País (VARISUL – <http://www.varsul.org.br>). Não se pretende comparar resultados dessa região com outra do Brasil, mas sim de se rerepresentar alguns dados em relação à frequência de emprego e ao avanço ou não do uso dessas variantes linguísticas como processos de mudança linguística.

Em relação à variação da vogal átona /e/ e /o/ em final de palavra (*bolo, pele*), segundo Vieira (2014, p. 54), a realização no falar do RS “decorre tanto da forma como o estado foi colonizado quanto de características linguísticas”. Observe o Gráfico 4.

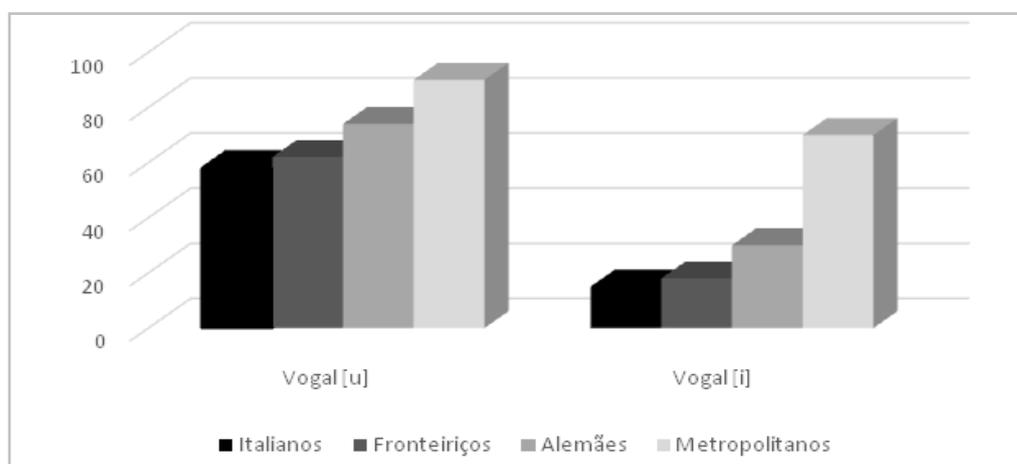


Gráfico 4: Percentuais de realização de [i] e [u] em posição postônica final conforme o grupo étnico.

Fonte: Vieira (1994)

Os metropolitanos realizam, em maior proporção do que as demais regiões, ambas vogais /o/ e /e/, seguidos pelos alemães, fronteiriços e italianos. A diferença para o comportamento das vogais é de ordem articulatória, segundo Vieira (1994, p. 59). As realizações [o] e [u] estão mais próximas no trato vocal do que [e] e [i].

A preservação das vogais médias, associada ao falar característico do RS, ocorre com maior frequência com a vogal /o/ e em falantes da capital Porto Alegre. Os resultados indicam, pois, que é mais comum ouvir *bol[u]* do que *bol[o]*, por exemplo. Por outro lado, uma palavra como *pele*, por exemplo, já é realizada preferencialmente como [e] em cidades do interior do Estado, principalmente onde há falantes bilíngues ou que mantêm contato com outra língua. Em Vista Alegre do Prata, cidade situada no nordeste do Estado, cujos habitantes são, em sua maioria, descendentes de italianos ou poloneses, o índice de preservação é bem expressivo, segundo Mileski (2013), chegando-se quase à forma categórica de realização da vogal como média [e] e [o].

Outra variável fonológica apontada como uma marca da fala sul-rio-grandense é a pronúncia do /r/ na zona anterior da boca, em forma vibrante. Há contudo, outras realizações, que dependem da posição do fonema na palavra, se prevocálico ou posvocálico, e da região geográfica. O som mais frequente é uma variante também forte, mas de realização fricativa velar em início de palavra, como ocorre na palavra *rato*, por exemplo. Já em final de sílaba (*mar*, *carta*), temos o predomínio da forma fraca *tepe*, em que há uma só batida da ponta da língua junto a parte frontal da boca.

A variação do /r/ ocorre de forma mais diversificada, entre vibrante e fricativa, no início da palavra, cuja frequência distribui-se conforme a zona de colonização italiana, alemã, açoriana e a região de contato com espanhol, na fronteira com o Uruguai e Argentina. Observe o Gráfico 5.

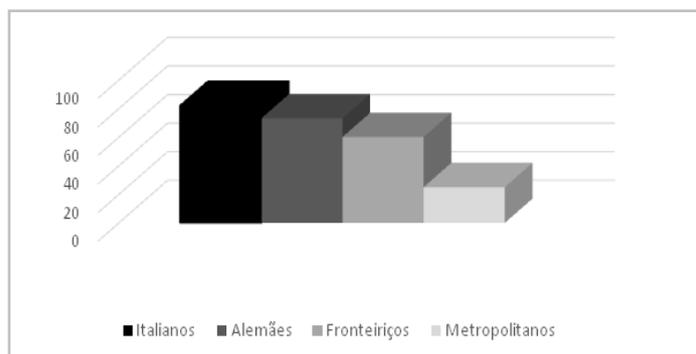


Gráfico 5: Frequência aproximada da pronúncia de R-forte anterior no início de sílaba (*rua*, *terra*).

Fonte: Monaretto (2014)

Do mesmo modo que a variável vogal átona final, não são os metropolitanos que usam com mais frequência a variante caracterizada como típica, mas os indivíduos bilíngues, princi-

palmente. Esses também alternam uma pronúncia de /r/ fraco no lugar de forte.

Já o fenômeno de epêntese vocálica entre duas consoantes mediais, muito comum na maioria das variedades brasileiras, como ocorre em palavras como *corrup[i]to* e *op[i]ção*, por exemplo, parece não agir de forma predominante na fala gaúcha. Collischonn (2003) observa que as taxas de realização de epêntese são consideravelmente mais altas em amostras das capitais do Sul do Brasil do que em cidades interioranas. Observe a Tabela 1, com resultados de três cidades do Estado. Porto Alegre corresponde ao grupo geográfico metropolitanos; Flores da Cunha, descendentes italianos; e Panambi, alemães.

	Aplicação/Total	Percentual
Porto Alegre	107/183	58 %
Flores da Cunha	78/170	46 %
Panambi	44/181	24 %

Tabela 1: Taxa de realização de epêntese (escolaridade até ensino médio). Fonte: adaptado de Collischonn (2003, p. 287)

Aqui, por meio da Tabela 1, novamente se pode ver que os falantes bilíngues não realizam a forma de epêntese frequentemente encontrada na fala de outras regiões do português brasileiro. Por outro lado, o fenômeno de epêntese é mais frequente em Porto Alegre.

A lateral vocálica posvocálica, realizada como lateral anterior ou velar, parece ser a forma variante mais frequente na fala do Rio Grande do Sul, com exceção de Porto Alegre. Collischonn (2014, p. 102) reúne resultados de pesquisas em diferentes cidades do Sul e constata que, em lugares onde há intenso contato linguístico com o espanhol do Uruguai, como em Santa Vitória do Palmar e Chuí, e em zonas bilíngues do italiano (Flores da Cunha, Monte Bérico) e do alemão (Panambi, Taquara), os índices de frequência de vocalização são baixos. Observe a Tabela 2, com a porcentagem de vocalização, segundo algumas pesquisas.

	Aplicação/Total	Percentual
Chuí	0/1555	0%
Santa Vitória do Palmar	28/1408	2%
Panambi	17/200	8%
Taquara	73/363	20%
Monte Bérico	46/200	23%
Flores da Cunha	149/641	23%
Santana do Livramento	142/525	27%
Porto Alegre	1109/2437	46%

Tabela 2: Porcentagem de realização de vocalização de lateral posvocálica na Região Sul. Fonte: adaptado de Collischonn (2014, p. 101)

A vocalização é, pois, mais usada na Capital do que no interior do Estado. A realização [l] e não [u] em palavras como *sal*, por exemplo, é exagerada por personagens cômicos, como o Guri de Uruguaiana e o Radicci, com o objetivo de caracterizar a fala rio-grandense, como bem lembra a autora.

Outras variáveis fonológicas apresentam um comportamento peculiar no Rio Grande do Sul em relação a outras regiões brasileiras, como a preservação de vogais médias [e] e [o] na posição pretônica e postônica, dentre outros fenômenos linguísticos sonoros. Expusemos, aqui neste artigo, algumas variantes linguísticas que parecem ser mais salientes à percepção e a uma identificação da variedade gaúcha. Faltam, no entanto, estudos que identifiquem aspectos de atitudes, por parte dos falantes, em relação às variantes linguísticas.

Considerações finais

O Rio Grande do Sul tem uma história recente, se comparado a outras regiões brasileiras. O interesse do português pelo Prata intensificou-se no século XVII, com a fundação da colônia do Sacramento, em 1680, mas apenas no governo de D. João V (1706-1750), é que a Coroa portuguesa passou a atentar para a importância dessa região. Apesar de colonização tardia, a região meridional do novo País, que se desenhava entre disputas de espanhóis e de portugueses, foi uma praça muito isolada e com poucos relatos de costumes de seus moradores (KUHN, 2014).

É sobre essa região inóspita em sua origem, que nos debruçamos a examinar, de um modo preliminar, propondo-se uma investigação de temas linguísticos através de determinadas fontes, como relatos de viagens, jornais oitocentistas, peças de teatro, banco de dados de língua falada, entre outros materiais e fontes. Os dados e informações coletados sobressaem-se com o desejo de se reconstruir a vida social e linguística de tanto interesse ao pesquisador sociolinguístico. Para poder explicar a variação e mudança de uma certa região, é imprescindível conhecer fatos históricos de constituição, de povoamento e práticas sociais e de costumes.

Esperamos dar continuidade ao desenvolvimento desse tema por meio de parcerias interinstitucionais, que possibilitem agregar esforços mútuos na coleta de dados e informações para uma história social e linguística do Rio Grande do Sul do passado.

Referências

ALVES, F. das N.; TORRES, L.H. *Imprensa & história*. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.

AMARAL, L.I.C. do. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. Tese de Doutorado. UFRGS, 2003.

- AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagem pala Província do Rio Grande do Sul* (1858). Trad. Teodoro Cabral. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Ed. da USP, 1980.
- BAGUET, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul*: EDUNISC; Florianópolis: PARAULA, 1997.
- BESCHOREN, M. *Impressões de Viagem na Província do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese de Doutorado. UFRJ, 1981.
- BORGES, P.R.S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Tese de Doutorado, UFRGS, 2004.
- Censo do Estado do Rio Grande do Sul. I.B.G.E – *Conselho Nacional de Estatística. VI Recenseamento Geral do Brasil*. Série Regional, v. XXVIII, Tomo I, 1955. Disponível em <http://www.ihgrgs.org.br/>. Acesso em 14 de out. de 2018.
- CESAR, G. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul: 1605-1801*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.
- COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica no português do Sul do Brasil: variáveis extralinguísticas. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, p.285-297, 2003. Especial.
- _____. Vocalização de L. In: *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2014.
- DUARTE, M.E.L. *A perda do princípio 'Evite Pronome' do português brasileiro*. Campinas: Tese (Doutorado em Letras), UNICAMP, 1995.
- _____. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- FLORES, M. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1997.
- GUY, G.R. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p.17-32, 2000.
- HEEMANN, C. (org.). *O teatro de Simões Lopes Neto*. V.1, Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1990
- HESSEL, L. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- KUHN, F. *Gente da fronteira: família e poder no continente do Rio Grande* (Campos de Via-

mão, 1720-1800). São Leopoldo: Oikos, 2014.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LEITE, I. B. *Antropologia de viagem: escravos e libertos em Minas Gerais do século XIX*. Belo Horizonte: Editora da UFGMG, 1996.

LOPES, C.R. dos S. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, UFRJ, 1999.

MAGALHÃES, M.O. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EDUFPEL, 1993.

MONARETTO, V.N.O. As Realizações de R. In: *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NASI, R. F. *Elevação de vogais médias pretônicas no português sul-rio-grandense: retrato oitocentista e alternativa de interpretação do grafema como indício fonético/fonológico*. Tese de Doutorado. UFRGS, 2016.

MILESKI, I. *A Elevação das Vogais Médias átonas Finais no Português Falado por Descendentes de Imigrantes Poloneses em Vista Alegre do Prata, RS*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica do RS, Porto Alegre, 2013.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

TORRES, L.H. *Rio Grande: memória & história*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2000.

VIEIRA, M.J.B. *Neutralização das Vogais médias postônicas*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

_____. Vogais Postônicas Finais. In: *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

VILLAS-BÔAS, P.L. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Editora e Distribuidora Gaúcha Ltda, 1991.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W; MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p.95-188.

Sobre Dinah Callou — *Valéria Neto de Oliveira Monaretto*¹²

Sobre Dinah Callou — *Paulo Ricardo Silveira Borges*¹³

12 Minha admiração à Dinah Callou vem de longa data. Seus estudos pioneiros sobre descrições fonéticas, fonológicas e sociolinguísticas da vibrante me inspiraram no meu Mestrado e Doutorado com a profa. Leda Bisol, que sempre a elogiava, o que me encantava ainda mais. Pude confirmar o quanto é grande Dinah por sua sapiência, humildade e capacidade como grande pesquisadora, em uma convivência de estágio de pós-doutorado na UFRJ. Justa, portanto, esta homenagem a Dinah Callou, ao seu profícuo trabalho, à sua generosidade, aos seus exemplares ensinamentos e ao que ela representa como docente, pesquisadora do português brasileiro e cidadã. Como reconhecimento, apresentamos um texto também inspirado em suas pesquisas atuais. Para uma *história linguística e social do Rio Grande do Sul – século XIX* é um trabalho inicial de um novo projeto interinstitucional que pesquisará a história social e linguística do português gaúcho do século XIX e início do século XX.

13 Dinah Callou esteve presente em minha formação acadêmica desde o início, como aluno de graduação no Curso de Licenciatura em Letras da UFPel lá no final da década de 1980 e início da década de 1990. Um dos primeiros livros que adquiri foi *Iniciação à Fonética e à Fonologia*, obra de Dinah Callou e Yonne Leite, e que foi fundamental para o meu sucesso na disciplina de Fonologia. Já naquela época estava cercado de pessoas maravilhosas e competentes, pois a recomendação para a compra dessa obra tão significativa e atual para os estudos fonológicos do Português Brasileiro veio da minha querida professora Carmen Barreto Matzenauer. É importante ressaltar que as pesquisas, textos e ensinamentos de Dinah Callou sempre serviram como referenciais importantes para os trabalhos de várias gerações de pesquisadores das áreas de dialetologia, sociolinguística e descrição do português. E um pouco ou muito de tudo isso que fazemos hoje em termos de estudos sincrônicos e diacrônicos do português já estava lá na *Iniciação à Fonética e à Fonologia*, como uma mola propulsora responsável pela nossa inserção nos estudos descritivos do *continuum* dialetal do português nas suas múltiplas e inter-relacionadas possibilidades.